

ENTRE CULTURA, CONHECIMENTO ESCOLAR E SABER POPULAR: A ATUAÇÃO DA PASTORAL DO CSM ECOLÓGICA JUNTO AO CURRÍCULO ESCOLAR COM ENFOQUE NA GARANTIA DE DIREITOS

Camila Grassi Mendes Faria¹, Liz Meira Góes², Marcieleh Lemos Rodrigues³,
Sabrina Maria da Silva⁴, Suzi Mary Calixto⁵

Temática abordada: Ensino Fundamental

Identificação da Província e da instituição: Centro Social Marista Ecológica, Almirante Tamandaré - PR

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho desenvolvido com a Equipe de Pastoral junto à comunidade educativa, contribuindo com o currículo escolar, com as práticas pedagógicas e com o processo formativo dos(as) educandos(as), fortalecendo os projetos interdisciplinares e, principalmente, o diálogo entre as áreas do conhecimento. Somos desafiados a olhar para novas práticas que fomentem uma escola em pastoral, ações que desenvolvam a integralidade do(a) educando(a) com a sua realidade, a participação social em seu território e na garantia de direitos.

Palavras-chave: Pastoral. Currículo. Evangelização. Saberes populares.

Introdução

¹ Pesquisadora nas linhas de Educação para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (ESSAN), Educação Integral e Educação Popular. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente atua como Pedagoga no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré - PR. E-mail: camila.grassi@solmarista.org.br

² É educadora popular e possui mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Atua como docente de ciências na rede estadual de ensino do Paraná e no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré - PR. E-mail: liz.goes@solmarista.org.br

³ Possui Licenciatura em Geografia pela UFPR. Atua como docente de geografia no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré - PR. E-mail: mlrodrigues@solmarista.org.br

⁴ Acadêmica de Bacharelado em Teologia pela PUCPR. Atua como Assistente de Pastoral no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré - PR. E-mail: sbsilva@solmarista.org.br

⁵ Acadêmica de Bacharelado em Teologia pela PUCPR. Atua como Coordenadora de Pastoral no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré - PR. E-mail: scalixto@solmarista.org.br

A Rede Marista de Solidariedade (RMS) atua na promoção e defesa dos direitos das infâncias e juventudes em diferentes situações de vulnerabilidade social. Atualmente, conta com 25 unidades sociais distribuídas pelo país, e, dentre elas, encontra-se o Centro Social Marista (CSM) Ecológica, localizado em Almirante Tamandaré - PR.

O CSM Ecológica atende 294 educandos com idades entre 10 a 17 anos, no Ensino Fundamental II, na modalidade Educação Integral em tempo integral, contando com um currículo diversificado construído a partir das vivências e interesses dos educandos e de seu território. Entre as atividades propostas no currículo, destaca-se a maneira como a Equipe de pastoral desenvolve cotidianamente seus projetos e os impactos positivos que as ações desenvolvidas têm gerado na unidade social.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências da Equipe de pastoral junto à comunidade escolar desta unidade e sistematizar o modo como sua atuação com os(as) educandos(as) tem possibilitado articulações com a equipe docente na prática pedagógica através de propostas que dialogam com a realidade dos(as) educandos (as).

O trabalho de pastoral aqui referenciado compreende:

O agir organizado da Igreja no mundo caracteriza-se pelo cuidado na condução do processo de evangelização, para que este se desenvolva de forma sistematizada, orgânica, progressiva e permanente, apropriando-se de metodologias diversificadas, com a finalidade de tornar a mensagem cristã significativa e eficaz em cada realidade e junto a interlocutores variados. (GRUPO MARISTA, 2011, p. 29).

Os nossos trabalhos têm ocorrido em diálogo com o pedagógico. Decidimos desenvolver projetos que envolvessem toda a comunidade educativa e, nesse processo, percebemos as possibilidades do trabalho interdisciplinar, a transposição didática dos saberes pastorais, que ocorre de modo integrado com o Currículo da Escola Ecológica. Concebemos como currículo não apenas os documentos referentes ao Currículo Prescrito, que se atêm ao rol de conteúdos e áreas a serem ministrados no espaço escolar, fundamentados, por exemplo, nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e na Diretriz Curricular Estadual (DCE).

Assim como afirma Silva (2010), o currículo é concebido no Projeto Político Pedagógico da Escola Ecológica como toda a prática realizada no cotidiano escolar, que inclui a organização e seleção dos conteúdos escolares (Currículo Prescrito), a organização da rotina escolar e as aulas no plano didático e metodológico (Currículo Real) e as práticas cotidianas dos atores envolvidos nesse espaço, os quais reproduzem na prática seus valores, saberes

adquiridos em suas trajetórias de vida e pré-conceitos (Currículo Oculto), sendo este último elemento um dos campos de maior análise realizada pela equipe de pastoral, haja vista a centralidade que a equipe constrói no trabalho com os Elementos Inculturadores da Pastoral⁶, que é o conjunto de temas ou dimensões que ajudam a prática e a reflexão da ação evangelizadora da cultura atual; estes elementos estão em reciprocidade com as exigências objetivas da fé cristã, com a tradição pastoral institucional e com as aspirações humanas universais.

Através dos Elementos Inculturadores, os Valores e a Espiritualidade, que demandam respeito e resgate dos saberes dos educadores e dos(as) educandos(as), é possível desconstruir o elenco de valores negativos no interior do espaço escolar, como é o caso do combate aos diferentes tipos de opressão, individualismo e a problematização dos elementos reproduzidos na prática, indo ao encontro de os valores maristas trabalhados na instituição.

A análise do Currículo oculto, ou seja, dos valores representados na prática cotidiana do espaço escolar, tem sido significativo para a construção do planejamento das atividades formativas construídas pela equipe de pastoral. É por meio de uma análise compartilhada com a equipe pedagógica, docente e discente da escola, que se mapeiam as necessidades formativas do grupo envolvido nesse espaço. É na vivência compartilhada que é possível perceber os valores necessários à problematização e reflexão dialogada, promovendo espaços dirigidos às ações educativas emancipatórias no plano individual e coletivo, assim como o fortalecimento de valores que vão ao encontro dos valores maristas⁷.

O processo de análise e construção de espaços formativos direcionados à humanização em que se trabalhe o respeito, a acolhida, o cuidado com o próximo, a partilha e a solidariedade são fundamentais para a desconstrução dos diferentes tipos de opressão existentes na escola. É nesse sentido que conceber o currículo como um conjunto de conteúdos prescritos, articulado com as atitudes práticas e ações sutis que compõem a organização do espaço escolar contribui para a não fragmentação do trabalho docente realizado na escola. É através das redes de sociabilidade deste espaço que é possível perceber, por exemplo, em ações sutis, valores e pré-conceitos até então reproduzidos de modo oculto, havendo, a partir da conexão da equipe que compõe o todo escolar, uma aliança relevante

⁶ Os Elementos Inculturadores: a Dignidade Humana; a Educação Emancipadora; a Espiritualidade; a Alteridade; a Solidariedade Socioambiental; a Catequese; as Infâncias e Juventudes; e os Valores Maristas.

⁷ Valores Maristas: Amor ao trabalho, Justiça, Espírito de Família, Espiritualidade, Simplicidade, Presença Significativa.

entre o trabalho realizado pela equipe de pastoral, a equipe docente, a equipe pedagógica e a equipe de apoio da escola.

Uma das bases que fundamentam essa especificidade que se realiza na escola ecológica é a concepção de educação adotada pela unidade social. A escola fundamenta-se na perspectiva de Educação Integral (GADOTTI, 2009), que direciona as ações de todas as atividades construídas no espaço escolar para a preparação para a vida, sendo esse processo construído a partir das necessidades dos educandos e da comunidade na qual a unidade social está inserida. A perspectiva de Educação Integral tem como princípio a construção de um projeto popular de educação, ou seja, que possibilite a construção de leituras mais aprofundadas da vida, ampliadas através do acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela sociedade, articulando a eles a leitura dos elementos que compõe a vida dos educandos(as).

É nesse sentido que os trabalhos da pastoral estão centrados no fortalecimento do território de Almirante Tamandaré, por exemplo. A centralidade do trabalho está na ampliação da leitura do mundo e no fomento das transformações necessárias ao próprio território e às comunidades que nele estão inseridas.

Estamos em processo de construção de uma Escola em Pastoral⁸, na qual todos se sentem corresponsáveis por evangelizar, em que os saberes da pastoral são adaptados para o currículo escolar, criando um diálogo entre as áreas do conhecimento, contribuindo com o pedagógico e fortalecendo a pastoral no currículo.

Entre conhecimentos escolares e saberes populares

As práticas escolares têm sido desenvolvidas, em sua maioria, com base no distanciamento da vida dos educandos, na fragmentação do conhecimento escolar, na educação punitiva e repressiva e na aprendizagem que prioriza o aumento dos índices de avaliações da Educação Básica. A inserção efetiva dos(as) educandos(as) das escolas se baseia em processos de seleção de conteúdos disciplinares desintegrados da vida dos educandos(as), nas tradicionais formas de organização de ensino caracterizadas pelo uso do livro didático, pelo professor enquanto único sujeito detentor de conhecimento e pela sala de aula como único espaço de aprendizagem.

⁸ Diretrizes da Ação Evangelizadora. Província Marista Brasil Centro-Su, 2011. p. 106.

Remar contra a maré se faz necessário; o entendimento, portanto, é que os conhecimentos escolares não podem ficar restritos a informações estanques de disciplinas isoladas e fragmentadas, sem conexão com as vivências cotidianas. Uma maior articulação se faz necessária a fim de que os(as) educandos(as) rompam com a visão compartimentada do conhecimento. Por isso, ao trabalhar os conhecimentos escolares, os(as) educadores(as) não podem se limitar a ministrar o conteúdo de sua disciplina, mas é necessário que os articulem a outros saberes que os estudantes possuem e que são relevantes para eles.

Em geral, os saberes dos educandos(as), os saberes populares, são desqualificados ou desconsiderados durante o processo de ensino-aprendizagem. Uma educação que esteja atrelada à luta pelos direitos à cultura, tão marginalizada nos currículos escolares, é uma forma de resgatar os vínculos entre os saberes culturais e o conhecimento escolar na busca do diálogo de saberes (LEFF, 2009). Para isso, faz-se necessária uma visão positiva da diversidade e das diferenças que marcam a formação cultural de uma região, com educadores(as) e educandos(as) que se dispam das posturas preconceituosas, dos pré-julgamentos, da discriminação e da intolerância. (SANTOS, 2007)

Com simplicidade, mediação e organização, os educadores podem realizar a articulação de conhecimentos e saberes culturais, pois se faz importante assegurar aos educandos o acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade em conexão com os saberes populares.

Contudo, sabemos que discutir a articulação dos conhecimentos escolares com saberes da cultura popular implica, entre outras questões, refletir sobre a necessidade de mudanças estruturais nos projetos educativos das escolas atuais; trata-se de uma questão desafiadora, tanto na comunidade escolar e na valorização dos diferentes saberes como na integração destes outros saberes no fazer educativo de modo não hierárquico.

Nesse sentido, a riqueza dos saberes populares precisa estar incorporada aos conhecimentos escolares, valorizando os educandos, na construção de uma identidade política, como sujeitos de conhecimentos e experiências, pois o trabalho com conteúdos fragmentados e distantes das vivências não atende aos interesses dos(as) educandos(as), não respeita as especificidades da vida dos mesmos e não proporciona reflexões e ações em seu território (LEFF, 2009). Se o conteúdo trabalhado na escola não provocar interações entre os educandos e a realidade em que eles vivem, será possível e rapidamente esquecido, descartado, e, portanto, não cumprirá a sua função educativa.

A articulação dos conhecimentos escolares com os saberes da cultura popular se torna possível quando os educadores selecionam e organizam, nas salas de aula e em outros espaços escolares, comunitários e no território, experiências educativas de aprendizagem nas quais os educandos sejam inseridos em práticas contextualizadas, em que se afirmem como sujeitos de identidades coletivas e individuais, responsáveis pelas modificações e melhorias no ambiente onde vivem.

Em síntese, a prática docente nas escolas deve contemplar saberes que possam contribuir com a valorização cultural e com transformações nos processos sociais para além da escolarização dos sujeitos e notas no boletim que pouco dizem sobre uma aprendizagem efetiva. Para isso, uma importante questão é estabelecer como eixo estruturante uma proposta que integre as diversas áreas do conhecimento, de forma contextualizada, integrando, estreitando e respeitando os vínculos entre escola e comunidade, entre conhecimentos escolares e cultura popular.

Portanto, a escola precisa alterar plenamente suas formas de ação, construindo uma comunidade escolar consciente no processo de articulação entre conhecimento escolar e saberes da cultura popular, e é importante que estes sejam construídos com base no vínculo entre escola e território, no sentido de fazer da educação não somente em memorização, mas, concretamente, um espaço de desenvolvimento social e cultural.

Logo, o que o educando(a) será amanhã está intrinsecamente ligado ao modo como o entendemos hoje enquanto totalidade, com a política que é feita, com as oportunidades e com os direitos que lhe são garantidos. Cabe também à escola e aos saberes e conhecimentos obtidos nessa instituição instrumentalizar estes educandos e promover não só o acesso à educação de qualidade, mas também o conhecimento dos outros tantos direitos garantidos, como moradia digna, uma alimentação saudável, acesso ao lazer, à cultura, à saúde, ao convívio familiar e à segurança, respeito à diversidade e condições dignas de trabalho.

Não podemos esperar que a instituição escolar venha, tal qual ela é, ao encontro das necessidades destes outros sujeitos que hoje reivindicam a escola:

A presença de outros sujeitos nos remete aos coletivos concretos, às classes sociais e aos grupos subalternizados, aos oprimidos por diferentes formas de dominação econômica, política e cultural. Remete-nos também as suas crianças e adolescentes. Os coletivos segregados no padrão de trabalho, de acumulação de ocupação da terra, de poder saber. [...] São os outros educandos que trazem outras indagações pedagógicas à docência. São os outros docentes se organizando, mobilizando e invertendo o fazer educativo. (ARROYO, 2012, p. 37-38).

Logo, entre esses outros sujeitos educandos(as) apontados por Arroyo (2012), pode-se apontar as crianças e jovens tidas como periféricas, vistos agora como sujeitos plenos – com direitos e que precisam ser pensados em sua integralidade, dotados de potencialidades e saberes que nem sempre são aqueles que a escola sabe como perceber ou lidar –, e precisamos assumir esse descompasso entre saberes escolares e não escolares para então qualificar o diálogo e as relações entre ambos.

Desta forma, as propostas de trabalho desenvolvidas pela Equipe de Pastoral e o pedagógico têm assumido o compromisso e o desafio de não ficar preso aos saberes formais e disciplinares, desenvolvendo, em sua prática, a transversalização dos temas pastorais em suas práticas pedagógicas através de ações que modificam positivamente e trazem novos temas e sujeitos para a escola, provendo desta forma um diálogo de saberes.

Nestas ações, destacam-se:

- As formações e os acampamentos para os participantes da Pastoral Juvenil Marista;
- Os Fóruns da Juventude, realizados duas vezes ao ano na Unidade e que conta com educandos, egressos, comunidade e parceiros para sua realização. O último Fórum da Juventude ocorreu no dia 30/06/16 e teve como tema “Acesso: Cultura e Mobilidade Urbana”. Contou, na parte da manhã, com as rodas de conversas Passe Livre; Skate como cultura; Picho ou Grafite - Os muros falam; e Funk. Na parte da tarde, ocorreram ações e oficinas mais práticas, como manobras de skate; grafites pela escola; construção de instrumentos de percussão com materiais reciclados; dança de funk e apresentações de outros tipos de dança como *ragga*, *street dance*, *break* e cultura *hip hop*;
- Comissões e as missões promovidas por educandos e educadores no território, com temas envolvendo Comissão Política, Comissão Eclesial, Comissão Institucional, Comissão Social e Comissão Cultural;
- As discussões sobre o Passe Livre estudantil no município de Almirante Tamandaré e o processo de elaboração do projeto de lei em favor da mobilidade urbana dos jovens no território. Essa tem sido uma grande demanda dos educandos egressos;
- Coletivo X: Coletivo de educandas que discute e promove na escola ações como rodas de conversa envolvendo feminismo, igualdade entre os gêneros e a discussão sobre as opressões vivenciadas no cotidiano dentro e fora da escola. Suas reuniões e encontros

acontecem desde o ano passado e ocorrem com bastante autonomia e protagonismo das educandas monitoras da PJM;

– Diversidade racial: desde o ano de 2014, a Equipe de Pastoral da unidade tem promovido um interessante processo formativo que entende que o espaço escolar deve ser um ambiente que valoriza a diversidade racial e de gênero, e que está disposta a sair da teoria e realizar na prática ações voltadas para a construção de uma sociedade antirracista e menos opressora. Para contextualizar nossa trajetória, em 2014 um grupo de educadores(as) que realizavam atividades isoladas com a temática de valorização da cultura negra organizaram um programa de atividades interdisciplinares. A intenção era promover na escola espaços-tempos nos quais a questão afro-brasileira fosse mais difundida. Desta forma, fatos que cotidianamente estavam naturalizados pelos educandos, como preconceitos, intolerâncias, opressão e discriminação, tiveram de ser debatidos, contextualizados e desnaturalizados. A escola construiu o I Workshop de relações Étnico-Raciais, que aconteceu em 20/11/14. As atividades foram diversas, entre elas destacamos: jogos, danças, debates sobre religiões de matriz africana, violência e extermínio da juventude negra, oficina de Maracatu, trança raiz, capoeira e cultura *hip hop*. Em 2015, o objetivo foi ampliar a participação dos(as) demais colaboradores. Para tal, o projeto fez parte do calendário de atividades anuais e demonstrou a adesão da comunidade educativa. De agosto a novembro, ocorreram debates semanais sobre a cultura negra e atividades como apresentações e oficinas de capoeira, *rap* e música. Em outubro e novembro aconteceram, com os(as) educandos(as), os ensaios das apresentações de teatro, dança, música e demais atrações do evento do dia 20 de novembro. Como resultados, nesses dois anos percebemos um maior envolvimento e identificação dos(as) educandos(as) com o tema, através de uma construção mais coletiva e participativa.

Considerações finais

Através dos projetos, percebemos o diálogo entre as áreas do conhecimento e os saberes da Pastoral, o quanto é possível e rico o processo de construção e organização de um currículo com enfoque na garantia de direitos e que amplie a leitura de mundo dos(as) educandos(as) e da comunidade.

Fortalecemos as propostas de evangelização que primem o protagonismo juvenil, a autonomia, os debates para a frente de luta, a participação e a atuação da comunidade educativa no território, fomentando espaços de problematizações e potencialidades.

Algumas experiências relatadas são ação de uma escola que vive em pastoral e que ainda está em constante transformação, e é a partir daí que percebemos que as ações evangelizadoras que envolvem o cotidiano e a integralidade do educando é tarefa de todos, não se resume ao um papel específico de equipe, mas é um diálogo interdisciplinar de todas as áreas (conhecimentos e saberes).

Este trabalho que vem sendo organizado e planejado com toda a comunidade educativa e tem como finalidade o desenvolvimento dos educandos como atores sociais no processo de participação que se dá na prática, que torna possível a construção do projeto de vida, a formação de lideranças comunitárias, estimulando a construção da alteridade e a mobilização que são necessárias para a modificação da realidade individual e coletiva dos educandos e suas famílias.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARNEIRO, F. F. et al. A Praxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 331-338, jun. 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral: inovações em processo**. Editora Paulo Freire, 2009.

GRUPO MARISTA, Província Marista Brasil Centro-Sul. **Diretrizes da ação evangelizadora**. 1ª ed. FTD, 2011.

GRUPO MARISTA, Província Marista Brasil Centro-Sul. **Nossos Valores, um Estilo marista Próprio**. 2ª ed. FTD, 2013.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade**. 2009.

SANTOS, B. S; **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos. 2007.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Editora autentica, 2010.